



A RAINHA VERMELHA

CAT - CENTRO DE ATIVIDADES
DO TRABALHADOR
ESCOLA SESI ARAGUAINA

A RAINHA VERMELHA

Autores:

Amanda Khiara, Ana Beatriz B.
Aparecida Mariana S., Brenda Eduarda R.
Laura Borges, Maria Clara E.
Milena Coelho, Pedro Otávio

SUMÁRIO

Capítulo 1 - página 1

Capítulo 2 - página 6

Capítulo 3 - página 10

Capítulo 4 - página 17

Capítulo 5 - página 19

Capítulo 6 - página 22

Capítulo 7 - página 30

CAPITULO 1

ODEIO A PRIMEIRA SEXTA! é como Mare inicia sua história, a primeira sexta do verão, o dia mais quente e abafado do ano, mas na sombra isso não incomoda muito, a pior coisa é o odor dos corpos suados trabalhando pela manhã chega a azedar o leite de tão detestável, e tantas poças de lamas da chuva de ontem misturadas com graxa e óleo.

O dia vai se acalmando ao decorrer que as barracas vão fechando, com os bolsos dos mercadores e clientes fartos, aí está um ponto positivo da feira cheia, se eu for ágil o bastante eu conseguirei encher os meus bolsos, e eu vou ser!

Diferente dos iniciantes que tem as mãos pesadas e sempre deixam rastros para trás, sem ligar para os guardas que ficam por ali, com certeza terão o mesmo destino dos outros que foram para o tronco por não serem espertos o bastante para fugir.

Meus irmãos... Foram para a guerra quando completaram dezoito anos, todos os três foram para Lakeland. Shade me manda cartas sempre que pode. Mas não tenho notícias do Bree e do Tramy há mais de um ano, mas creio que estejam bem, bom como todos nós sabemos notícias ruins correm rápido.

Eu tinha apenas treze anos quando Bree partiu. Ele me deu um beijo na bochecha e um par de brincos que eu tenho que dividir com a minha irmã caçula, Gisa. São dois pingentes com contas de vidro rosado, nós não tínhamos furado a orelha antes, então furamos sozinhas.

Quando ele vier me buscar no próximo outono, eu já vou ter economizado o suficiente para comprar um par de brincos para deixar a Gisa, como Bree fez.

Kilorn Warren, aprendiz de pescador e provavelmente meu único amigo de verdade. Quando nós éramos pequenos brincávamos de lutinha, mas agora ele é mais de 20 centímetros mais alto que eu, então é melhor eu não procurar disputas, ele pode ser bem útil para alcançar prateleiras altas.

Chegamos ao pé do monte onde a multidão se esbarram com cutucões ou empurrões. Infelizmente é obrigatório participar da Primeira Sexta, ao menos que você seja um trabalhador essencial, como a minha irmã Gisa, como se fosse essencial bordar seda, mas para os prateados é.

A arena foi construída há dez anos, mas mesmo com a sua "importância" é de longe a maior construção de Palafitas. Aqui nessa arena prateados lutam para entreter os outros, existem vários poderes para cada prateados, os telecinéticos, forcadores e muitos outros.

Depois que o jogo acabou eu voltei para casa, fui dar boa noite aos meus pais e fui para a beliche com Gisa, ele demorou menos de dois minutos para dormir, nessa noite eu estava exausta eu não demorei muito para começar a cochilar.



Passou-se um tempo e escutei assobios do Kilorn, falei para ele ir embora que eu estava exausta, mas ele continuou e Gisa estava se revirando na cama e colocou o travesseiro no rosto, tive que ir se não meus pais também acordariam. Desci rolando da beliche até ele..

Ele estava em choque e chorando, eu perguntei a ele o que tinha acontecido então ele puxou ar e disse vagorosamente, meu mestre se foi, terei que ir para a guerra pois não sobrou nenhum pescador que não tinha um aprendiz. Eu pensei em mil lugares para nós fugirmos para ele não ter que ir para a guerra, mas todos os lugares que pensei tinham prateados e se fôssemos pegos nós iríamos para o tronco. Neste momento eu lembrei de um velho "amigo" que mexe com contrabando, eu tive que tentar então na mesma noite fui até ele

Eu implorei a ele que nos levasse em um lugar seguro por meio do contrabando, ele então me convidou para entrar em sua casa, estava escuro e tinha uma mulher lá, depois de conversamos bastante ela disse que poderia me levar, mas com um preço, mil coroas! Para eu e para Kilorn mais mil, então eu aceitei, essa é a única forma de fugirmos para um lugar seguro, aí que eu entrei para a Guarda Escarlata!

CAPÍTULO 2

Ao amanhecer, quando acordo, percebo que dois agentes chegaram para a revista. Levanto e desço junto com a minha irmã. Mas há uma terceira figura hoje, uma moça de vermelho e percebo que é uma criada do palácio, que me informa que fui intimada para ir a Summerton. Fico desesperada, óbvio! Sou uma criminosa, uma ladra, e todo o meu corpo treme de medo, mas não posso fugir. Me despeço dos meus pais e irmãos com um aperto no peito, sabendo que nunca mais os verei.

Ao chegar ao palácio me deparo com uma muralha de diamantes brilhantes e um portão cercado e protegidos por soldados. Ao entrar, a criada se apresenta, cujo o nome dela é Ann Walsh, e o mais interessante é que ele é da minha província e conhece meus irmãos. Me explica sem muita paciência como é minha jornada de trabalho e que em momento algum, posso me dirigir e falar com a nobreza. Isso vai ser difícil!

Percebo muita agitação no palácio hoje e fico pensando no porque disso e questiono a Walsh que me explica com uma cara já não muito boa que irá acontecer a Prova Real. Tudo gira em torno das filhas das Grandes Casas, das famílias prateadas que irão Se apresentar a família real para somente um ser escolhida pelo príncipe e ser a futura rainha. Isso vai ser interessante de ver!



Me concentro em não fazer besteira e nem tropeçar durante a entrada do serviço. Percebo que cada família fica em um camarote e quem está perto quando chamam, o criado perto se dirige até eles. . Fico chocado no quanto essas pessoas reclamam da vida, nunca sofreram, não sabem o que é passar necessidade! Mas me lembro de não falar nada e somente me retirar. Quero me manter longe de problemas.

Logo começa a entrada da família real. Me ocupo em organizar minha bagunça, mas quando levanto o olhar ao anunciarem o príncipe herdeiro, entro em choque. Como pode ser? É o Cal! Aah, aquele sorriso e olhar, eu conheço bem. Minha cabeça gira e penso que ele me salvou do recrutamento, me arrumou um emprego. Mas é ele um prateado. Como pode me enganar assim?

Estou ainda perplexa, sem acreditar no que aconteceu, mas tento me concentrar no que vem a seguir. Começou a prova real. Afinal, do que se trata?

A moça mais poderosa de cada Grande Casa se apresenta para a família real na arena, é como se fosse uma exposição de talentos. Sei que os prateados tem força e poder, como sempre diz o rei, mas nunca imaginei que o poder deles fossem tão incríveis assim.

Cada Grande Casa possui uma cor, e também poderes diferentes, e sendo muito cruéis e as caras pálidas. Me dão nojo só de olhar. Quando uma menina, em especial, entra para a apresentação, há um alvoroço! Com certeza, torcem por ela, até mesmo o rei e a rainha. Mas ainda não consigo entender seu poder, porque um camarote chama serviço.

Quando entro para fazer a limpeza, mesmo na rapidez, me atento em olhar pela televisão. Essa menina não parece mais especial que as outras, mas descubro que ela ter o poder sobre os metais, pode lançá-los mais forte que uma arma. Além de ter uma afeição muito cruel. Chega a dar medo!

CAPITULO 3

Percebo que o camarote começa a se mexer e observo que a Evangeline está o movendo em direção a cúpula elétrica da arena. MEU DEUS! Vou morrer! Fecho os olhos, espero meu momento de morte. Mas ao invés disso, sinto como se estivesse viva. Caiu na arena e Evangeline me olha com medo. Ela lança ferros sobre mim, joga minhas mãos para tentar me proteger e raios saem de mim. Saiu correndo o mais rápido que consigo, mesmo com os músculos ardendo, porque sei que irão me prender.

Quando abro os olhos vejam a rainha e ela tem o poder de manipulação. Ao acordar, um policial me espera com roupas limpas . Descubro que sou a filha de um general prateado morto em batalha. Herdeira da casa de Tittanos. ! E para controlarem minha vida e meus passo, estou prometida ao príncipe Maven. O que será de mim? Se cometer qualquer falha.



É suficiente — Maven diz com uma voz capaz de se esgueirar pela agitação do banquete. Não esqueci a maneira como me olhou hoje de manhã, como se eu fosse alguma coisa grudada na sola do sapato. Mas seu olhar agora é mais doce, mais calmo, mais parecido com o de Cal. — Sinto muito por hoje de manhã, Mareena. Mare. Meu nome é — Com certeza sente — respondo. — É sério — ele diz, inclinando-se para perto. — É que... — ele começa a explicar — ... geralmente os príncipes mais novos têm a chance de escolher. É um dos poucos benefícios de não ser o herdeiro — ele completa com um sorriso horrivelmente forçado. — Não sabia disso — respondo, sem ter o que dizer. aa —

É, bom, você não tinha como saber. Não é culpa sua. — Ela está aqui? — cochicho, tentando parecer contrita. — A garota que você escolheu? — Não, eu não tinha ninguém em mente. Mas era legal ter a opção de escolher, sabe? Depois da cerimônia, todos encaminham-se para seu quarto, Maveen e Mareena vão dormir após o Jantar Real.

Ainda não consigo acreditar que foi apenas noite passada. Que diferença um dia faz. — Você sabia que era eu um forasteiro. Sua tristeza me contagia e sinto sua dor. — Bom, trocamos de lugar. De repente o palácio já não parece tão belo ou maravilhoso. O metal, a pedra sólida: tudo tão severo, tão brilhante e tão artificial. Uma prisão. E, debaixo de tudo isso, o rumor elétrico das câmeras ligadas. Não chega a ser um som; é mais uma sensação sob minha pele, um estalo de energia que sou incapaz de controlar. Claro que isso tinha que voltar agora, no momento em que menos quero. Mas a sensação vai embora tão rápido quanto veio. A eletricidade se converte numa vibração baixa e o mundo volta ao normal. — Tudo bem? Cal me observa, confuso. — Desculpe — balbucio, balançando a cabeça. — Só estava pensando. Ele assente, com um ar de arrependimento. — Na sua família? As palavras me atingem como um tapa. Eles nem passaram pela minha cabeça nas últimas horas. Umhas poucas horas de seda e nobreza já me mudaram.

Posso ao menos escrever? As cartas de Shade eram sempre uma luz em nossos dias escuros.

Talvez as minhas tenham o mesmo efeito. — Acho que não. -Pois é para sua segurança, um dia iremos revelá-la.

Rainha Elara da Casa Merandus O bilhete é curto e direto, para não dizer grosso. Minha mente viaja só de pensar nas cinco horas de aulas me lembrando de como eu era ruim na escola. Gemendo, joga o papel de volta no criado-mudo. Ele cai bem embaixo de um raio dourado do sol, só para me provocar. Como ontem, as três criadas adentram o quarto silenciosas como uma brisa. Passados quinze minutos de sofrimento com calças de couro justíssimas, um vestido drapeado e outras roupas estranhas e impossíveis de usar, decidimos pela coisa mais simples que consigo encontrar no armário das maravilhas. Uma calça preta, firme e justa, um casaco roxo com botões prateados e botas cinza-claro. Apesar do cabelo brilhante e da maquiagem pesada, quase pareço eu mesma.

O PRÓXIMO PROFESSOR ME AGUARDA NUMA SALA abarrotada do chão ao teto com livros. Mais publicações do que já vi na vida, mais do que pensei existir. Parecem antigos e inestimáveis. Apesar da minha aversão a escolas e livros em geral, sou atraída por eles. Mas os títulos e as páginas estão escritos numa língua que não entendo, um amontoado de símbolos que não tenho qualquer esperança de decifrar. Tão intrigantes quanto os livros são os mapas espalhados pelas paredes: do reino e de outros países, novos e antigos. Emoldurado na parede oposta à porta, protegido por um vidro, há um mapa enorme e colorido montado a partir de diferentes folhas. Com pelo menos duas vezes meu tamanho, sua presença domina a sala. Desbotado e rasgado, trata-se de um emaranhado de linhas vermelhas, costas azuis, florestas verdes e cidades amarelas. É o velho mundo, o mundo de antes, com seus nomes e fronteiras que já não têm qualquer serventia.

— É estranho olhar para o mundo como era antes — diz o professor, saindo de trás das pilhas de livros. Sua túnica amarela, manchada e desbotada pelo tempo, dá a ele a aparência de uma folha de papel humana. — Consegue adivinhar onde estamos? A imensidão do mapa me faz engolir em seco, mas, como sempre, tenho certeza de que é um teste. — Posso tentar.

Norte fica a noroeste. Palafitas fica à beira do rio Capital, e o rio deságua no mar. Após um minuto de sofrida procura, finalmente encontro o rio e a enseada perto do meu vilarejo. — Aqui — respondo com o dedo apontado um pouco mais ao norte, onde imagino que fique Summer. Ele põe o dedo sobre o rio Capital num ponto a poucos quilômetros daquela que parece ser a maior cidade do mapa, do país do mundo de antes. As Ruínas. Já ouvi esse nome sussurrado pelos garotos mais velhos e pelos lábios do meu irmão Shade.

Capitulo 4

Julia passa a ser um grande amigo de Mare, a ajudando a descobri coisas novas sobre seu poder. Um exemplo é que os prateados controlam as coisas, mas Mare tanto pode criar quanto controlar eletricidade. Ela se sente mais diferente e foge para a chuva e acaba encontrando Maven ele diz que pode ajuda-la a sair um pouco do palácio. Mare aceita e Maven a leva até Cal, e a deixa com ele. Depois que Cal aceita ajuda-la, Cal a leva até um sala onde tem uma moto. Cal leva Mare até os limites de Palafitas e os dois andam até a casa de Mare. Mare acorda sua família, que ficam muito animados com a chegada repentina de Mare e Kirlon está lá também. Mare mente dizendo que é uma em pregada do palácio e recebeu permissão para ir visita-los e Cal também. Ela pede notícias de Shade, e descobre que ele está morto. O exercito o matou por deserção. Todos ficam triste e começa a descer lagrimas de todos, Gisa se esconde um pouco. Mare fica muito atordoada e pasmada e acaba desmaiando, pois era seu irmão mais próximo, e acaba desmaiando. 17

Mare acorda, depois de um curto desmaio com sua família assustada a sua volta. Seus raios dançam em suas mãos, cada vez mais fracos. Mare mal sabe o que dizer, mas explica o melhor que pode. Mas como Cal está por perto, escutando tudo, Mare não comenta nada sobre a Guarda Escarlata e as descobertas de Julian. Ela mente dizendo que Cal é seu guarda-costas. E chega a hora de sair, ela se despede de todos, e todos prometem que não vão falar nada, mas Kirlon sai furiosamente depois de prometer. Quando Mare chega aos limites de Palafitas Mare pede a Cal para ela para ela fazer uma última parada, e este permite. Mare vai até o trailer de Will e pede para se juntar a Guarda, este consente. Com Will tem uma figura que parece mais um varapau humano. Sua cabeça quase bate no teto, o que o faz andar encurvado de um jeito estranho. Seus cabelos rubros e longos combinam com o manto vermelho que cobre seu corpo dos ombros até a cintura, preso com a mesma insígnia de sol que Farley usou em sua transmissão. Ele tem um cinturão de armas.

Capítulo 5

Quando Mare encontra Cal ele afirma que irá mudar sua agenda. Kirlon aparece e pede para Mare ficar, mas ela precisa ir. Kirlon promete falar com Farley. Manhã seguinte, Mare encontra um bilhete deixado por Walsh, que descobriu também fazer parte da Guarda, escrito: Meia-noite. Seu novo horário repousa sobre o criado-mudo. 6h30 — Café da manhã 7h. Treinamento 10h. Protocolo 11h30. Almoço 13h. Protocolo 14h. Aulas 18h Jantar Lucas a conduzirá para todos os compromissos. O horário não é negociável. S. M. R., Rainha Elara A partir desse dia Mare passou a ter aulas de Treinamento, com seu professor da casa Arven, a casa silenciadora. A noite, ouve um apagão e Walsh aparece no quarto de Mare e a conduz até uma estufa onde estão esperando vários guardas da Guarda Escarlata Farley. Logo após aparece Marven que quer se juntar a Guarda, Farley lhe pergunta o motivo e ele responde: — Havia um menino, de apenas dezessete anos. Um vermelho das terras congeladas do norte.

Ele não me reconheceu de imediato. Mesmo assim, me tratou bem. Me tratou como uma pessoa. Foi meu primeiro amigo de verdade. Seu nome era Thomas, e o vi morrer. Poderia tê-lo salvado, mas meus guardas me seguraram. Sua vida não valia como a minha, disseram. Cal diz que é questão de equilíbrio os prateados dominarem os vermelhos. Ele é uma boa pessoa, será um governante justo, mas não acha que a mudança valha o risco. Quero dizer é que não sou como os outros. Acho que minha vida vale a de vocês, e a entregaria feliz se isso significar mudança. Marven foi aceito, jurando lealdade a Guarda Escarlata. Farley pretende mostra Mare e Marven ao país quando receberem tenção, para mais vermelhos se juntarem a eles. Ela também pretende atacar no grande baile que irá acontecer. No treinamento, Mare é desafiada por Evangeline, e acaba sendo machucada, expondo eu sangue, mas Cal e Marven intervém, a tempo de não permiti que vejam seu sangue.

Cal tirou a fera metálica de cima de Mare e depois Marven a levou até Julian. Mas Mare estava preocupada com as câmeras, porém Marven falou para ela não se preocupar. Julian disse que não poderia fazer mais nada que chamar uma curandeira, então ele manda Marven chama Sara Skonos. Quando Julian ordenou que Marven buscasse Sara Skonos ele pareceu mais bravo do que Mare já o tinha visto. Depois que Marven sai ela pergunta a Julian por que Marven parecia tão irritado. Julian apenas responde que não era o momento. Julian começa a lavar o rosto de Mare e ela pergunta que é Sara Skonos. e Julian responde: "Uma curandeira de peles. Ela vai cuidar de você, é uma amiga discreta. Mare não sabia que Julian tinha amigos mas não comenta nada. Quando Marven retorna a sala instantes depois, Mare já conseguiu limpar o rosto.

Capítulo 6

Maven te puxa no meio do caminho. Encontramos a mãe de maven, temos um dialogo eu a relembro sobre shade ela fica nervosa e toma conta de meu corpo fazendo de mim fantoche, Maven a Fala para ela me soltar, ela vai com a mão em meu pescoço apertando cada vez mais . ela só para quando a raiva de maven pulsa pelo o corredor e a tira de cima de mim com Força. Então voltamos para o quarto e mais uma vez as criadas estão e a uma com o vestido Na mão e a outra me vestindo com aquilo , voltamos para o terraço com vista para o rio. Todos os jovens vestido com uniformes cinzas preparado para a guerra, vou para um canto meio escondido pelas plantas.Cal aparece diante dela com um ar de preocupado temos Um dialogo discutimos sobre os soldados de guerra..... Ele vai para a guerra eu fico em choque para ela, ele e só o garoto do bar que tentou me salvar. De noite escuto alguém Batendorta era o cal ele me lembra que evangeline quase me matou e não quer que eu perca para ela.

Após uma longa conversa cal diz ser um ótimo professor e a convida para uma dança fico indecisa mais como ele vai para a guerra aceitei. Vão para uma sala isolada e dançam. La mesmo meus pés entram no ritmo e assim eu sigo. Isso não me parece muito certo ficar em uma sala escura com você estou prestes a me casar com seu irmão mas ele não liga da um sorriso coloca outra musica e me puxa. Então ele olha para onde tinha minha ferida e pergunta o que tenho contra a sara , não tenho nada contra a sara , ela foi criada junto com o julian e minha mãe , mas minha mãe morreu e deu no que deu cal se lembra da mãe falecida fica frio novamente e vai embora vira novamente e diz amanhã a mesma hora. A caminho para meu quarto percebo que as câmeras estão desligadas e maven sai da escuridão perguntando onde eu estava tento esconder minhas mãos tremulas ele vem chegando mais perto e me tocando. conversamos sobre a guerra eu o maven e o cal por horas para decidir uma coisa que provavelmente não irar dar errado mas temos que tentar.

Depois dessa conversa tensa tenho mais uma aula cal, não consigo para de Pensar em Maven, em suas palavras gentis, seus modos perfeitos, seu conhecimento impecável da corte, Finalmente chega o dia de baile maven estava vestido em seu Terno preto realçando a cor de seus olhos azuis me esperando no final do corredor Eu vou em sua direção e ele me estende um abraço eu dou-lhe um abraço com alegria Mas não esqueço minha noite com cal , então fomos para o baile, e so uma espiada na mente errada e nosso plano vai por água a baixo . Vejo o rei ele faz mas do que me Encarar ele acena levemente com a cabeça apesar da decoração esta igual a um mês Atrás. Quando Ptolemus vinham em minha direção seguro a vontade de vomitar nuca Nuca fiz nada mais difícil que olhar nos olhos de um homem prestes a morrer. Quando os Ptolemussumir todos ficaram com sorriso forçado e perguntas afiadas. Cumprimentamos todas as casas fico emocionada com uma vamos matar um pai....

Levamos todos os que iram ser crucificados tento forçar ao meu noivo para parar pois. Esse homem e um pai ele me segura e fala todos aqui tem entes queridos estamos fazendo por uma boa causa todos vão ter alguém para se lamentar por eles, mal consegue pronunciar as palavras ele esta tão abalado como eu Prometo a você: é necessário. Por mais que machuque, por mais que faça meu coração sangrar e necessário, cal chega La perguntando se eu estava pronta maven toma por mim e diz ela esta, juntos saímos de la Maven nos conduz para a área livre, mesmo não gostando da musica, ela percebeu que era uma musica conhecida, Maven ficou chocado por ela acertar os passos, Cal dança com Evangeline, e ela teve um misto de sentimentos, todos olhavam os casais dançando como se eles fossem o futuro, rei e rainha, príncipe e princesa, um futuro o qual ela não planejava deixar acontecer, no mundo perfeito dela, segredos seriam revelados e vividos de maneira diferente. Ao mesmo tempo que ela dança, em sua mente esta o dia de ontem em sua dança com Cal,

eles conversam e se aproximam, foram dançando para a beira da pista onde ninguém perceberia se ausentassem, um garçom ofereceu uma bebida, quando ela percebeu que era o aprendiz de pescador, que a muito tempo não ficava tão limpo. Maven então pergunta se esta tudo pronto, Kilorn diz que os sentinelas estão no prontos aguardando suas ordens, kilorn então se retirou com pressa, Maven foi ate sua mãe e ela foi para o salão, com o coração palpitante, Cal se vira para ela abre um sorriso e caminha e sua direção, ele chega ate ela, logo escutou alguns disparos e o ataque começou a acontecer. As pessoas começam a gritar e as luzes se apagam, para os amigos dela poderem fugir, as vozes se confundem com tantos gritos, o lugar se transformou em um pesadelo de luzes vermelhas e pólvora. O rei foi retirado do local, assim como varias pessoas fugiram de la, os seguranças encheram o salão, ninguém siquer a nota ali no meio da confusão todos estão com medo, uma mulher se esbarrou nela e a derrubou, ela caiu de frente a um cadáver, com seu

sangue de prata, ela pega no sangue de prata e se desespera, começou a gritar e logo foi retirada dali. Cal se desespera achando que ela foi atingida por um raio, porem ela diz que está bem e seu guarda-costa a tira dali, enquanto ela era retirada dali, houve uma explosão, neste momento ela ficou com muita raiva, uma bomba não estava nos planos, quantas pessoas e crianças inocente morreram, todo mundo traiu todo mundo, ela foi levada por um corredor e passou por tres portas de aço sem tranca que Lucas abria com um gesto. Elara e Tiberias se culpam pelo ocorrido, Tiberias não valorizava o inimigo, achava eles fracos, e agora os Escarlates estavam la, atirando e destruindo, Cal aparece coberto de sangue vermelho, e me a chama, ela fica muito nervosa mas o segue. Cal se lembra de Kilorn e a confronta sobre ele, mentiras saem da boca dela sem parar, o rei e a rainha querem torturar eles para obter informação, Maven tenta proteger eles mas não sabe como. Maven tenta tirar ela dali,

mas como ela poderia deixar seus amigos, Evangeline então grita para que ela fique, contente com o seu desconforto, para que Mare não se envolvesse mais com os vermelhos. A tortura começa por Farley, que mantém firme, com alguns gritos de dor, mas não revela nada. Onde a Sentinela toca em Farley, congela o sangue de Farley e ela sente muita dor, cristais de gelo de sangue rasgam sua pele, e mesmo assim a líder não diz nada. Podemos chegar e ninguém consegue para-lo, e ela mata Tristan. Mare então consegue parar a tortura, e todos vão para a sala do trono acalmar as pessoas com a presença do rei. Vejo vários curandeiros que correm entre feridos Maven me conduz até nosso lugar ao lado do trono, o rei fala em se vingar dos vermelhos. Ela volta ao seu quarto sem conseguir esquecer aquela noite terrível, e precisa salvar Kilern, então ela se lembra de Julian e seus ensinamentos e vai a sua procura em seu quarto, ela suplica que Julian a ajude a libertar seus amigos, mas Julian fica calado, então ela segura sua mão e conta a verdade que ela é uma deles, ela esconde

verdade sobre Maven na esperança que a raiva de Julian seja menor, Julian fica furioso, mas se lembra da morte de sua irmã em como não a ajudou e agora podia fazer diferente, pois se descobrissem a verdade Mare estaria morta. Julian então logo elabora um plano. Mare então chama Lucas dizendo que esta com fome e passeia pelos corredores, desligando as câmeras com o olhar.

CAPITULO 7

Ela chega em seu quarto arrancando o vestido e arruinando e joga a dessa no chão, então ela fica com muita raiva ela tenta protegê-lo, mas não sabe como fazer isto e ficou pensando nas lições de Julian: o passado é tão mais grandioso que este futuro.

Então ela corre pelos corredores e tenta chegar na porta de Julian que não é longe então ela chega e vai falar com Julian Preciso falar com você,

Julian Ele fala que só é um professor excluído e com uma voz grossa de ranger os dentes, ela fala que precisa dele para falar com os guardas e ajudar ela, então devagar ela pega na mão de Julian e fala: O plano foi meu. Julian ficou assustado e começou a gaguejar e falou você fez isso mesmo? Muito assustado, ela disse que a bomba foi inesperada, mas ele saiu do controle começou a socar tudo e fica irado como ela nunca viu antes...

Ele começa a pensar e pensar, e fica pensando que qualquer coisa câmeras, memória dos guardas pode incriminar eles dois.

Até uma lembrança muito antiga vem na cabeça dela a irmã dela não cometeu suicídio ela foi assassinada, Julian elabora um plano e lá foram eles.

Lucas bate na porta deles e antes dele agir Julian pega no queixo dele.

Os três caminham sem fazer nenhum barulho, como ratos. Os olhos de Walsh se despedem do corpo sem vida de Tristan, mas mantém o controle.

Acham que o Palacete não é mais seguro. Depois da noite de ontem, provavelmente estão certos. Passo meu braço pelo seu e o puxo para mim antes, o que sua mãe descobriu sobre a bomba? A voz de Maven baixa a um sussurro. Não houve bomba. Houve uma explosão, mas acidental.

Um dos tiros perfurou um cano de gás no chão e quando o fogo de Cal acendeu...neste momento, ele para de falar e deixa suas mãos demonstrarem o resto.

A mãe dela minha teve a ideia de usar isso a, hum, nosso favor. Não mataram sem propósito.

Sua mãe está pintando a Guarda como um monstro. Ele confirma com a cabeça, sério. Ninguém vai querer ficar ao lado deles. Nem mesmo os vermelhos.

Meu sangue ferve. Mais mentiras. Ela está vencendo sem disparar um tiro ou puxar uma espada. Só precisa de palavras. E agora vou me embrenhar ainda mais em seu mundo, em Archeon. Não vou mais ver minha família. Gisa vai crescer e não vou reconhecê-la. Bree e Tramy vão se casar, ter filhos e me esquecer. Meu pai vai morrer aos poucos, sufocado por suas feridas e, quando partir, minha mãe vai junto. Maven me deixa divagar. Seus olhos pensativos observam as emoções que se manifestam no meu rosto. Ele sempre me deixa com meus pensamentos. Às vezes, seu silêncio é melhor que as palavras de qualquer pessoa. Então eles partem à tarde. A maior parte da corte vai embora antes, mas temos que tomar o navio e manter alguma tradição no meio desta loucura toda.

Quando o navio aporta nas docas da margem oeste e eles pisaram em terra firme, já é noite. Na casa, isso significa desligar a força e ir para a cama, mas em Archeon é diferente. A cidade parece brilhar ainda mais quando o resto do mundo escurece. Fogos de artifício estouram sobre nós fazendo chover luz sobre a ponte. No topo de Whitefire, uma bandeira vermelha e negra é hasteada. O rei volta ao trono. Felizmente não há mais nenhum evento para sofrer. Somos recepcionados por veículos blindados que nos levam das docas. Para minha alegria, Maven e eu temos um veículo só para nós, acompanhados apenas por dois sentinelas. O príncipe indica os pontos turísticos à medida que avançamos e explica praticamente cada estátua e esquina. Chega até a mencionar sua padaria favorita, embora fique do outro lado do rio.

Mas ela não conseguia se sentir feliz naquele lugar nunca me senti menor do que agora, sob o vulto crescente da ponte grandiosa. Ela parece pronta para me engolir inteira. Mas ela precisava tentar.

Pela Cidade Cinzenta, por aqueles que nunca viram o sol. Shade Barrow, soldado vermelho, Legião da Tempestade, executado por deserção, corpo cremado, 27 de julho de 320 NE.

O texto de Julian vem depois do nome do meu irmão. É como se ele estivesse próximo de novo, dando sua aula lenta e calmamente.

De acordo com a lei militar, todos os soldados vermelhos devem ser enterrados em cemitérios no Gargalo. Soldados executados não têm funeral e jazem em valas comuns. A cremação não é usual. Corpos extraviados são inexistentes. E, no entanto, encontrei vinte e sete nomes, inclusive o do seu irmão, que sofreram esse destino. Todos morreram em patrulha.

Passamos por vários prédios, todos devastados, cobertos de cinzas e mato, mas ao olhar bem, é possível ver algo mais. Pegadas na poeira, uma janela acesa, o aroma da comida saindo pelas coifas.

Pessoas, vermelhos, têm sua própria cidade escondida.

Farley diz bem confiante minha segurança não me importa nem um pouco, príncipe. O que me preocupa é o povo dos vilarejos, os trabalhadores e os soldados. São eles que estão recebendo a punição agora, e uma punição dura. Meus pensamentos voam até minha família. Sabia! Eu sempre soube, eles querem cometer um golpe de estado.

Maven passa a mão sobre meu mapa de pó e apaga o oeste de Archeon. As legiões obedecem a seus generais. E eu conheço uma garota que conhece muito bem um dos generais. Seus olhos encontram os meus. Todo seu fogo foi substituído por um olhar gelado. Ele abre um sorriso tenso.



Maven foi para o castelo depois de um longo dia de apertos de mãos e planos secretos.

Durante o trajeto, desejo que a aurora comece esta noite em vez de amanhã de manhã. Percebo a agitação intensa ao redor ao cruzarmos a cidade. Tudo é eletricidade, dos veículos nas ruas às luzes envolvidas em aço e concreto.

Isso me lembra aquele momento no Grande Jardim que parece ter acontecido há tanto tempo, quando ninfoides brincavam na fonte e verdes cultivavam suas flores. Naquele instante, achei o mundo deles bonito. Compreendo por que querem preservá-lo, manter o domínio sobre os outros, mas isso não significa que vou deixar.

Geralmente fazem uma festa para comemorar o retorno do rei à cidade, mas com os acontecimentos recentes, a Praça de César está mais tranquila do que deveria. Maven finge lamentar a ausência de espetáculo, pelo menos para preencher o silêncio.

Bem acho que estou tendo uma quedinha pelo Maven, estou com vergonha, mas estamos correndo pelos corredores.

Até que quando as portas do palácio se abrem para nós, um grito arrepiante se espalha pelos corredores de mármore. Maven e eu trocamos olhares, assustados.

Nossos guardas assumem suas posições e levam a mão à pistola, mas não conseguem me impedir de correr. Maven corre o mais rápido que pode, tentando acompanhar meu ritmo. O grito ressoa de novo, acompanhado de uma dúzia de pés em marcha e do familiar ruído de armaduras. Acelero o passo e Maven vem logo atrás.

Desembocamos numa câmara redonda, uma sala de reuniões de mármore polido e madeira escura. Já há uma multidão presente, e quase esbarro em Lord Samos, mas meus pés param bem a tempo. Maven bate nas minhas costas e nós dois quase vamos ao chão.

Estou me sentindo nervosa para ver o que é mas não perdi meu tempo eu estou abrindo caminho entre eles sem saber o que vou encontrar do outro lado, mas tenho certeza de que não será nada bom.

Maven me segue, sempre com a mão em meu braço. Quando chegamos na frente da multidão, estou feliz por ter seu toque cálido para me confortar e... segurar. Nada menos que dezesseis soldados estão no centro da câmara, suas botas imundas sujam o enorme selo da coroa.

Maven me segue, sempre com a mão em meu braço. Quando chegamos na frente da multidão, nada menos que dezesseis soldados estão no centro da câmara, suas botas imundas sujam o enorme selo da coroa.

Capítulo 8

Após um dia de apertos de mão e planejamentos secretos somos mandados de volta ao sub trem para sermos entregues de volta ao castelo. Maven está do meu lado, eletricidade é tudo que eu sinto, sinto ela pulsando sobre as ruas, veículos, luzes envolvidas em aço e concreto. Me vem à lembrança a cabeça de como o mundo deles era bonito e entendo por que querem tanto proteger isso, mesmo assim não significa que irei deixar.

Com a volta do rei a cidade normalmente é feita uma festa mas depois dos recentes ataques da Guarda , a Praça de César está calma, mais tranquila que o normal, ao meu lado Maven finge o que seria um lamento de toda aquela correria, sua mão está sobre o meu ombro. Enquanto cruzamos a cidade vejo parte da legião de Cal nos quartéis treinados. Quando finalmente chego a frente vejo em média 16 soldados com armaduras, todas idênticas exceto pela de Cal.

Evangelin está ao seu lado, sua respiração está ofegante, tentando recuperar o fôlego, se ela está aqui seu irmão não deve estar tão longe, logo Ptolemus surge atrás de mim arrastando um corpo inquieto, meus olhos se encontram com os da vítima a reconhecendo. Wash carrega arrependimento em seu olhar mas não posso fazer nada para salvá-la, só consigo me lembrar da criada brincalhona e alegre que me apresentou para este mundo, naquele momento essa pessoa não existe mais, tento entender o diálogo deles quando finalmente me dou conta, percebo que há algo de errado, seguimos, mas como Wash é inteligente suficiente para não deixar ser seguida, até que a minha ficha caiu, ela não estava ali à toa, havia sido uma ordem para que ela vigiasse os trilhos de trem, provavelmente para que nossa volta fosse segura, embora a nossa fosse, já a dela nem tanto, no momento não posso fazer absolutamente nada, apenas observar.

Rei Tiberias observa aquela cena com uma certa raiva, apontando para Walsh, ordena que levasse ela

mais perto, Cal a pega pelo braço, obedecendo. Só consigo imaginar mil tipos de diferentes torturas que poderiam ser aplicadas para ela. Seria fogo, metal , água até a minha própria eletricidade pode ser usada nesse momento, mais o pior foi escolhido o rei manda chamar a rainha Elara, aquilo seria o pior destino que ela poderia enfrentar, entregaria todos nós, entregaria a guarda, assim causando a morte lenta de todos. De repente um Eagria se exalta entre a multidão de soldados, um observador com poder de ver o futuro em imediato grita para que segurem ela, mas infelizmente ou felizmente, depende do seu ponto de vista, Walsh grita:

-Por Tristan! Em seguida engoliu uma pílula, caindo no chão logo em seguida, a sala logo entra em alvoroço e Cal grita sem parar por um curandeiro, mas já é tarde demais as convulsões ficam mais violentas no chão com seus olhos arregalados, encarando o nada. Estava morta, mal consigo lamentar sua morte. Cal olha de volta para mim me explicando o que havia acontecido, sua voz soava

doce, como se ela explicasse algo para uma criança, talvez eu seja mesmo uma no que diz respeito a guerras e mortes. Sua fala soa como um aviso para mim mesma, sua presença me causa arrepios, tento me manter firme. Deixei que me encontrasse aqui, preciso lhe dar esperança sobre nós, tudo conforme o plano de Maven, por mais dolorido que aquilo fosse, era difícil me manter equilibrada na linha que separa a verdade e a mentira, especialmente quando envolve o Cal, posso tentar odiar ele, mas tem algo em sua voz que me faz me lembrar de que meus sentimentos não são tão simples como eu tento que fossem. Mantendo uma distância curta entre nós, conversamos um pouco sobre o que iria acontecer com Walsh, ele olha para os quartéis e logo em seguida dirige para o outro lado do rio. Um emaranhado entre os arranha-céus e uma arena com uma coroa sangrenta de estacas. O Ossário. Pensei que as execuções no Ossário haviam acabado, mal consigo me lembrar das últimas transmissões, acho que fazem mais de uma década.

Conversamos mais um pouco, fico tentando procurar um pingo de arrependimento em suas palavras. Alguns minutos em silêncio, um silêncio que chegou a ser perturbador, quebrado apenas pelos gritos dos tenentes em treinamento abaixo de nós, que continuaram a treinar apesar do pôr do sol. – Você era diferente para mim – Sua voz quebra o silêncio entre nós. – Imagino o que poderia ter existido entre nós se isto– digo apontando para o palácio e a praça à nossa volta - não acontecesse. Sua mão atravessa meu braço deixando seus dedos esquentarem minha pele através do vestido, tento manter a minha voz firme, finjo o máximo de desejo na voz, me apoiando em lembranças. – Mas não pode ser, Cal. Nunca. Uma das coisas mais cruéis coisas que poderiam existir é dar esperança a onde não existe. Tento me conformar em pensamentos como faço pela causa, pelos meus amigos, pela minha vida. Naquele momento percebo como os sentimentos dele estão divididos entre o dever e os seus sentimentos pela menininha elétrica, suas palavras me trazem um sentimento de paz,

mesmo sabendo que apenas quero que ele ceda as minhas vontades, me sinto uma tremenda egoísta. Tento não olhar para ele, mas acabo olhando para sua sombra no sol poente. Seus olhos estão fixos no exercício militares abaixo, antes que seus olhos se voltem para mim novamente. Antes estava ansiosa pelo Baile de Despedida, agora me sinto ansiosa com o amanhecer que está por vir, se conseguimos a vitória ao dia, amanhecerá sobre um novo mundo, sobre um novo poder. O rei abrirá mão da coroa passando ela para mim e Maven, e tudo acabará mudando sem precisar de um derramamento de sangue se tudo certo isso realmente acontecer, caso dê errado o Ossário me espera, mas não iremos falhar, não podemos falhar. Cal não irá me deixar morrer, nem Maven, eles são a minha proteção. Me deito com um sono leve e inquieto, Shade visita meu sonho como uma tristeza estranha no olhar:

- Há outros. Você precisa encontrá-los.
- Eu vou.

As horas passam rápido e logo já são quatro da manhã, estava quase na hora, passo pelo corredor desligando as câmeras devagar, o trajeto até o quarto do Maven me assusta, penso que cada sombra é um sentinela, mas me lembro que eles protegem Cal e o rei, não servem a mim ou ao segundo príncipe na linha de sucessão.

Não somos importantes mas a partir de hoje seremos. Ficamos alguns minutos do lado de fora, caminhando, escondendo-nos nas sombras atrás do Comando de Guerra, um lugar perfeito com vista para a Praça de César. Percebemos que está na hora quando a noite se desfaz, e a aurora está chegando. Sinto meu corpo transbordando de entusiasmo, minhas pernas até tremem. Mas Maven é capaz de se manter calmo e mal está piscando.

– Estão atrasados. Maven afirma.

– Não estou - Diz Farley, saindo do escuro da tubulação de drenagem.

Maven pergunta se estão armados e Farley assente, sem querer chamá-los para fora até ter total certeza

de que a praça seria nossa. Me sinto tomada de emoções, olho mais uma vez para o tunel na expectativa e esperança de ver seus verdes olhos, mas eles acabam se perdendo no escuro do tunel, ocultando Kilorn e os outros.

“Juntos” voltamos, para a ponte, esperando que o mundo simplesmente mude, não há nenhum trânsito, nem mesmo um simples barulho de veículo, por sorte, a última seção da ponte no oeste parece tranquila, “ e então ela explode em nuvens brilhantes de laranja e vermelho, um sol para romper as trevas prateadas ”, o rio se agita, as pilastras de concreto se partem, batendo contra a água. Uma nuvem de fumaça acaba bloqueando a visão do resto de Archeon. Acima de nós, estão as patrulhas, correndo pela muralha, examinando ansiosamente a destruição, gritando sem saber o que fazer, a maioria consegue mal olhar. Eu não conseguia tirar os olhos do fogo e da fumaça, mas Maven fez por mim.

– Ali está ele - diz apontando para formas escuras que correm pelo palácio. Cal se levanta com seus

guardas, mesmo de pijama parece muito assustado, ultrapassando todos como um raio, conseguindo se fazer ouvir entre a multidão à medida que soldados e oficiais chegam, gritando as ordens, claramente. Flayer se prepara para fugir assim que vê um grande problema. “ Isso não vai acontecer. ” - pensei desejando dar tudo certo. Cruzo a fronteira, percebo que os holofotes ganham vida ao topo da muralha, um está apontando para mim, me fazendo levantar a mão para proteger os olhos. Grito Cal, e não sei como ele consegue me ouvir em meio a cinco mil soldados, fazendo nossos olhares se encontrarem. Quando vejo ele vindo em minha direção, penso que vou desmaiar. Me convenço de que é apenas Cal, o garoto no qual ama música e motos, não o general, não o príncipe, o que sempre vai me escolher.

Cal : – Mare, não é seguro...!

– Mas e se esse for o preço? - digo, olhando para a ponte destruída, no momento oculta por fumaça misturada com cinzas.

Seus olhos estão cheios de medo, mais do que jamais imaginei que ele sentiria. Ele vai me escolher, sinto sua pele fria como um cadáver. – Me escolha - falo suspirando contra seu peito. Meu coração fica apertado, cada músculo se endurece enquanto espero sua resposta. – Sempre foi você - ele diz, com uma voz arrasada. Sua voz carregava a dor de mil mortes, mil traições. Atrás de mim, Maven grita, eu viro a tempo de enxergá-lo gritar para Farley, fazendo gestos de drama. – Corra! CORRA! Cal se levanta o mais rápido possível, gritando algo à seus soldados, ligando pontos que só um general vê. Maven avisa sobre a tubulação, a sombra de Farley acaba desaparecendo, os soldados deixam a tubulação exposta, entrando pelos túneis assim como uma enchente infernal. Sinto vontade de simplesmente tapar meus ouvidos, bloquear os gritos, tiros e o sangue. A dor me deixa tonta, mas dou um jeito de me manter em pé, ‘ Ele nunca vai me escolher ‘ - penso. É como se minha mente me lembrasse todos que perdi, para Cal não significava nada, mas pra

mim tudo.

- Queria que as coisas fossem diferentes. - Cal sussurra de novo e suas palavras me fazem cair para não me levantar mais dali, espero faíscas e raios, mas eles não vêm. Sinto mãos frias em meu pescoço e algemas em meus pulsos, são milhões de crimes esquecidos, ali eu já sabia o motivo. Arven, o silenciador, aquele capaz de nos tornar humanos, logo atrás de mim. Sugando a minha força inteira até eu voltar e ser apenas uma garotinha chorona novamente. Ele leva tudo, todo o poder que pensei que tinha. Não havia ninguém para me segurar desta vez. Ouço vagamente um grito de Maven, que também é lançado ao chão.

- Irmão! - ele grita desesperado, na esperança de fazer Cal se dar conta do que estava fazendo.

- Eles vão matar Mare! - Ali seria meu fim.

Porém Cal não escuta, ele fala com um dos seus superiores, e nem tento ouvir suas palavras, desta vez mesmo se eu quisesse eu não conseguiria. Sinto minha cabeça fria, isso me acalma.

Vejo Maven se arrastar contra o piso, colocando seu rosto ao lado do meu, me fazendo lembrar de um momento como este. Aparecendo distantemente o grito de Gisa e seus ossos esmagados. – Leve-os para dentro, para o rei. Ele julgará os dois. Não reconheço mais a voz de Cal. Sinto que o tornei um monstro, que o forcei a escolher. Fui ansiosa demais, burra demais. Criei esperanças atoa, como uma idiota. Com o sol chegando atrás de Cal, tenho que fechar os olhos, ele chegou brilhando, intenso e cedo demais.

